WORKERS

de **SEBASTIÃO SALGADO**
Portugal: Editorial Caminho, 1993, 400p.

por **Thomaz Wood Jr**. Doutorando em Administração de Empresas na EAESP/FGV.

Sebastião Salgado é um mestre da fotografia, um dos maiores fotojornalistas em atividade no mundo. Mineiro de Aimorés, radicado desde os anos 70 em Paris, preside atualmente a lendária Agência Magnum, a mesma de Robert Capa, David Seymour e, obviamente, Henri Cartier-Bresson.

Economista de formação, Salgado só abraçou a carreira de fotógrafo aos 29 anos, quase acidentalmente. Desde então, tem se dedicado a reportagens de longa duração, sempre focalizando temas sociais.

Workers não é um livro de Administração; pior para a Administração. *Workers* é um livro de fotografias, com pequenos textos que trazem as informações essenciais e pontuam a visão do autor sobre os temas fotografados. *Workers* é, sobretudo, uma obra sobre o homem e o trabalho, numa linguagem de símbolos, construída com técnica e sensibilidade, traduzida em fantásticos registros em preto-e-branco.

Salgado trabalhou no projeto que originou o livro de 1988 a 1993, período no qual realizou mais de 30 reportagens, mostrando — segundo ele próprio — *"o registro de uma época, a arqueologia de um tempo, quando o eixo do mundo era o trabalhador, a mão do homem"*.

O artista revela um mundo esquecido do próprio mundo, atropelado pela automação nos países superdesenvolvidos — ignorado pela Administração, poderíamos dizer. Mostra um mundo dividido entre ricos e pobres, um planeta cindido pelo *apartheid* econômico. Mas seu olhar não deixa de ser otimista, pois focaliza um homem capaz de sobreviver à espiral de humilhações, males e pestes e vencer pela perseverança.

À época do lançamento, em Paris, da exposição referente ao livro, Salgado declarou à *Folha de S. Paulo*: *"Neste projeto eu quis documentar um tipo de trabalho e de trabalhador que está desaparecendo, o trabalhador das indústrias manuais. As máquinas inteligentes alteraram profundamente as relações sociais de trabalho. O produto não é mais o resultado do trabalho de um grupo de pessoas (...) O mundo urbano nos distanciou do mundo produtivo (...) O trabalho e o trabalhador estão fora de moda atualmente. Eu quero colocá-los em discussão no momento em que estão se transformando"*.

Todas as fotos do livro — e da exposição — têm uma marca registrada "Sebastião Salgado". Mas, exceto por serem todas em preto-e-branco, poucas razões poderiam ser objetivamente listadas para identificar seu autor.

As paisagens, sejam elas naturais ou totalmente modificadas pela mão do homem, são quase sempre inóspitas. Assim são os campos de petróleo do Azerbaijão, com suas centenas de torres de perfuração brotando num lamaçal tarkoviskiano; ou a coleta de enxofre na Indonésia, onde as fotos mostram trabalhadores solitários, sufocados pelos gases sulfúricos, carregando enormes blocos do minério através de encostas lunares.



Os trabalhadores ora são mostrados em grandes grupos — como nas conhecidas imagens de Serra Pelada, onde as leis da gravidade e do bom senso parecem revogadas pelo formigueiro humano que remove a terra das gigantescas crateras —, ora individualmente — como nos registros dos trabalhadores do cacau no Brasil, ou das indústrias têxteis de Bangladesh e do Casaquistão.

Em muitas fotos reinam distância, tristeza e desolamento, como naquelas das ferrovias de transporte de minério ou nas imagens de siderúrgicas — que lembram um *Metrópolis* ou um *Blade Runner* com poucos sobreviventes. Mais raras são as fotos classificáveis como alegres, como a do grupo de trabalhadores do Eurotúnel, posando com uma faixa onde se lê *"Hello Mon!"*.

Um motivo presente com freqüência é o contraste das dimensões humanas com o gigantismo dos empreendimentos. Os registros de trabalhos em estaleiros na França e Polônia, mostrando a construção e lançamento de navios, criam um duplo contraste — de dimensões e atividades — com as imagens de desmantelamento de navios em Bangladesh. Após terem decretado o fim de sua vida útil, navios avançam a toda velocidade, na maré alta, em pontos da costa do país. Após esse encalhe proposital, eles são desmontados manualmente, numa operação onde o máximo de sofisticação é dado por um raro maçarico. Na praia, carregando cabos de aço que arrastam partes já desmontadas, vêem-se figuras franzinas de adolescentes que fazem o inacreditável trabalho.

Igualmente chocantes, para os nossos olhos informacionais, pós-industriais, são as imagens de fábricas de bicicletas, motocicletas e automóveis na Índia, China e ex-URSS, parecidas com nossas precárias borracharias e que fazem lembrar as descrições das primeiras instalações industriais do século XIX.

Salgado também retrata o trabalho na agricultura. Nos registros da colheita da cana-de-açúcar, confundimos Brasil e Cuba, onde as fotos foram realizadas. São imagens de força, de trabalhadores lutando, armados de facões, contra uma cultura que os esgota ao mesmo tempo que exaure a terra da qual brota. O mesmo tipo de esgotamento, dessa vez do mar, pode ser visto na seqüência da pesca do atum na Sicília. Mas nesta última há um outro elemento poderoso, que não aparece na primeira: o trabalho como celebração, traduzido nas imagens da vila de pescadores, no rosto das pessoas e no próprio ritual da pesca. Um sentido de trabalho que parece perdido pelos bóias-frias brasileiros e seus companheiros cubanos.

Uma das seqüências mais notáveis, pelas imagens, é o trabalho de troca de cabeças de poços de petróleo no Kuwait,

uma tarefa brutal realizada manualmente por uns poucos homens, cobertos da cabeça aos pés pelo produto que jorra descontroladamente do solo, como uma maldição.

Igualmente fantástica é a série que mostra a construção de um canal de irrigação na Índia. A obra — que pelo olhar do artista acabamos por associar às pirâmides egípcias ou à *Sagrada Família* de Gaudi — inclui 614 km de canal principal e mais 40.000 km de canais secundários. Foi iniciada em 1958 e chegou a envolver 40.000 pessoas. O trabalho é todo manual e ocupa muitas mulheres nas tarefas mais pesadas, não raro carregando seus bebês. Muitos têm suas vidas ligadas à construção do canal, que transformará o deserto em área verde.

Ao contrário de um livro de Administração, o livro de Salgado pode ser folheado de trás para frente, visto e revisto, lido e relido. Novos sentidos vão sempre aparecer. Mais que um livro de Administração, *Workers* fala simultaneamente à razão e à sensibilidade. Não focaliza apenas a riqueza e como gerá-la; mostra os quatro quintos do mundo que não a partilham. Salgado não fala de um mundo passado, mas de uma realidade presente, ainda que arcaica. Tampouco mostra uma civilização exótica e distante. *"O Haiti também é aqui!"*

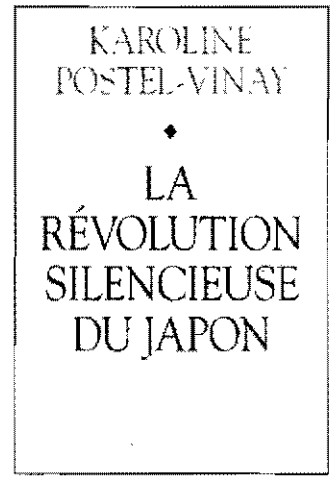
Lendo o livro, não há como evitar uma sensação da pequenez do nosso mundo organizacional, ao menos como geralmente o tratamos. Mas, ao mesmo tempo, ganhamos a dimensão fantástica de um mundo ignorado, da amplitude de uma realidade pouco mostrada, talvez por ser — antes de Salgado — não fotogênica.

Perguntado certa vez sobre que livros indicaria para alguém que quisesse se tornar um fotógrafo, Salgado respondeu: *"Um livro de economia mundial, um de antropologia e um de história. Um manual de fotografia? Bem, acho que não!"*

Sebastião Salgado une o equilíbrio visual e a composição — que Cartier-Bresson, por exemplo, trouxe da pintura — com uma tradição iniciada no começo do século. Uma herança que inclui os registros de Dorothea Lange sobre os efeitos da Depressão americana nos campos, utilizando a fotografia como vigoroso estímulo à geração de visões críticas da realidade. Salgado constrói sua narrativa em torno do conceito de ensaio, uma série de imagens girando em torno de um único assunto, como numa peça de teatro, contando uma história nem sempre linear, mas rica em símbolos e subjetividades. Tudo com imenso sentido de harmonia, equilíbrio e uma beleza nem sempre convencional.

Cartier-Bresson certa vez definiu fotografia como *"o reconhecimento simultâneo, numa fração de segundo, da significação de um evento tanto quanto de uma precisa organização de formas que dá a esse evento sua expressão própria"*. Essa abordagem, para Salgado, resulta numa relação entre objeto e fotógrafo comparável a uma tangente perfeitamente equilibrada no topo de um círculo. Mas não se trata de um equilíbrio matemático e sim de um equilíbrio resultante de uma grande capacidade de intuição estética e dos símbolos ligados às formas, luzes e sombras, pressupondo uma relação de alteridade entre objeto e fotógrafo.

Prefaciando outro livro do autor, o jornalista Jânio de Freitas dizia que a câmara não fotografa o que o olho vê, mas o que a alma vê. E os olhos da alma são um confuso amálgama de talento, história pessoal, instinto, reflexos, convívio, raízes culturais e todo o inexplicável humano; um mistério impenetrável a que chamamos sensibilidade. Sebastião Salgado é um portador do mistério dessa arte.



LA RÉVOLUTION SILENCIEUSE DU JAPON

de **KAROLINE POSTEL-VINAY**
França: Calmann-Lévy/Fondation Saint-Simon, 1994, 205p.

por **Gilmar Masiero**, Pesquisador e Professor da Universidade Estadual de Maringá, PR.

O Japão é um dos países não ocidentais mais profundamente inspirado nos modelos de desenvolvimento euro-americanos. *"O Japão é o único membro não ocidental do Grupo dos Sete. Engajou-se igualmente, desde 1952, numa estreita aliança com os Estados Unidos, cuja proteção militar foi necessária, uma vez que, em sua Constituição havia renunciado a fazer guerra. Gigante econômico, o arquipélago permaneceu por muito tempo um anão político, colocado de facto em situação de dependência frente a Washington"*.

É esse Estado e essa nação que são discutidos, de um ponto de vista francês, por Karoline Postel-Vinay, diplomada pelo Instituto Nacional de Línguas Orientais, e que viveu vários anos no Japão. Durante essa vivência, além de ter sido pesquisadora convidada da Universidade Nacional de Tóquio, contribuiu em várias obras coletivas, nas áreas de política internacional e diplomacia. Nesta última, seguindo a tradição dos realizadores da revolução burguesa, a autora apresenta algumas, e insinua outras, sempre novas e interessantes imagens e facetas de um mesmo fenômeno.

Novas imagens ou facetas sempre são possíveis em todo discurso da e sobre a temática da alteridade. Essa temática, nos dias de hoje, tornou-se uma obsessão européia contraposta a correntes de pensamento que pregam o fim da história, o fim da ideologia etc. Contraposições como as discutidas em *Figures de l'altérité* (Baudrillard e Guillaume, 1994) são o espaço teórico preferencial de Karoline Postel-Vinay ao analisar o desenvolvimento da sociedade japonesa em seus aspectos políticos e sociais.

O desenvolvimento da sociedade japonesa é discutido em três grandes blocos, subdivididos em vários itens da seguinte maneira. O primeiro bloco ou parte aborda "O estrangeiro visto pelos japoneses ou O fim de um mito" pela discus-